

ISSN: 25270605

Florianópolis, v. 18, n. 1, jan./jun. 2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL (PET) PEDAGOGIA
NÚCLEO EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS (ERER)



Editorial

Eliane Debus

Tutora PET/Pedagogia/UFSC

O *Boletim Abiodum*, nome de origem ganesa, que significa “nascido em tempo de guerra”, é uma publicação do Programa de Educação Tutorial (PET) de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Com circulação desde 2011 e edição semestral, busca trazer para o debate a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) a partir de diferentes temas. Nesse ano de 2022, deter-nos-emos em apresentar a literatura para infância e juventude e as temáticas africanas, afro-brasileiras e indígenas que circulam no mercado editorial brasileiro, contribuindo para a disseminação do conhecimento sobre essa produção literária.

Nesta primeira edição do ano, apresentamos resultados de pesquisas recentes sobre a literatura negra para infância no Brasil, trazendo à cena títulos, escritoras e escritores que têm produzido narrativas em que o protagonismo de personagens negras é uma recorrência, bem como o papel do mercado editorial, em particular, a partir da Lei nº 10.639, de 2003, que criou a obrigatoriedade do ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas estabelecimentos de ensino brasileiro (BRASIL, 2003).

Diante disso, desejamos uma boa leitura!

Referência

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

EXPEDIENTE

Conselho editorial: Débora Cristina Araújo (UFES), Eliane Debus (UFSC), Etelvino Guila (Universidade Eduardo Mondlane - Moçambique), Joana Célia dos Passos (UFSC), Maria Aparecida Rita Moreira (Rede Estadual de Educação/AENSC), Paulo Vinicius Baptista da Silva (UFPR).

Colaboradores da edição: Ariel Souza, Darlene Carvalho da Rosa, Eliane Debus, Elizabeth de Souza Neckel, Fernanda Costa e Souza, Laila Maheirie Barreto, Lucas DaEni, Rafael da Silva, Suellem Amorim Ferreira, Tatiana Valentin Mina Bernardes.

Parecerista Ad Doc: Zâmbia Osório dos Santos

Trabalho técnico: Ana Carolina Ostetto (revisão); Andrei Cavalheiro (diagramação).

Endereço: Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Reitor João David Ferreira Lima, s/n, Trindade, Florianópolis, SC, 88040-900.

LEIA TAMBÉM AS EDIÇÕES ANTERIORES:

<https://petpedagogiaufsc.paginas.ufsc.br/abiodum/>



A LEI Nº 10.639/2003, O MERCADO EDITORIAL E OS LIVROS PARA INFÂNCIA: CAMINHOS QUE SE ALARGAM

Suelem Amorim Ferreira

Egressa PET de Pedagogia/UFSC

Professora da Rede Municipal de Florianópolis, SC

Eliane Debus

Tutora PET Pedagogia/UFSC

No Brasil, o mercado editorial, mais especificamente, os livros publicados para infância, alargaram-se a partir das demandas promovidas pela sanção da Lei nº 10.639, de 2003, que cria a obrigatoriedade “Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira” (BRASIL, 2003), bem como o conteúdo que inclui especificidade dos povos negros para a construção do país a serem ministrados, em particular, pelas áreas de Educação Artística, Literatura e História Brasileira. Vale lembrar que esta Lei está vinculada à Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que institui as Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996).

Como uma ação afirmativa, a Lei impulsionou o acréscimo de produtos culturais e didático-pedagógicos que promovam a visibilidade da negritude, entre eles, os livros para a infância. Segundo Debus (2017, p. 49):

As exigências da Lei nº 10.639/2003 culminaram com o florescimento de um nicho mercadológico a partir da necessidade de livros que tematizem e problematizem as questões étnico-raciais, por meio da representação de personagens negras como protagonistas e narrativas que focalizem o continente africano como múltiplo; desfazendo ideias enraizadas como aquelas que trazem as personagens negras em papéis de submissão e/ou retratando o período escravista. Bem como a representação do continente africano pelo viés do exótico.

É válido afirmar que a promulgação da lei atuou para o alargamento de demandas para

as escritoras e os escritores, além das pesquisadoras e dos pesquisadores que já se debruçavam sobre as temáticas afro-brasileiras e africanas, assim como abriu caminhos para novas/os colaboradoras e colaboradores. A partir das pesquisas e estudos sobre a temática, houve contribuição para a difusão de importantes conhecimentos que refutariam os ideais racistas nutridos historicamente sobre o indivíduo negro. Do mesmo modo, expandiu-se o olhar crítico para com as obras que apresentam em seu cerne elaborações racistas e limitantes sobre a história negra, aliando também a isso outros veículos de informação como TV e internet, que difundem e conectam a discussão.

Para as escritoras negras e os escritores negros e não negros, que também são pesquisadoras e pesquisadores da temática, a lei fertilizou o campo de possibilidades mediante a dificuldade de inserção no mercado editorial, onde explicita os espaços de poder e exclusão racial que têm suas portas fechadas para o negro e sua “negrura”. Essa amplitude chega às escritoras africanas e aos escritores africanos de outras partes do mundo, negras, negros e não-negros.

Importante reafirmar que anterior à Lei nº 10.639/2003 havia escritoras, escritores e narrativas que tinham por enfoque o negro e as culturas afro-brasileiras e africanas, mas o que se pontua é o alargamento da oferta e sua diversificação por conta da referida legislação (BRASIL, 2003). E isso, igualmente, soma-se às editoras que atuam com temáticas afro-brasileiras e africanas. Atualmente, podemos observar um time de editoras que trabalham com o tema e contribuem para a disseminação de cultura e conhecimento da população.

Com isso, compreende-se os ganhos advindos com a sanção da Lei nº 10.639/2003 (BRASIL, 2003) para os múltiplos sujeitos e segmentos da sociedade, e que sua sanção aliada a outras iniciativas balançaram as estruturas do campo educacional e editorial, além do aumento de pesquisas que englobam as muitas ações e construções do indivíduo negro na história da nação brasileira.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 2003.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo

oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

DEBUS, Eliane. **A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens**: lendo Joel Rufino dos Santos, Rogério de Andrade Barbosa, Júlio Emílio Braz, Georgina Marins. Florianópolis, SC: NUP/CED/UFSC, 2017.



A PRODUÇÃO LITERÁRIA PARA INFÂNCIA: QUANDO A AUTORIA E AS PERSONAGENS SÃO MULHERES/MENINAS NEGRAS

Fernanda Costa e Souza

Mestra PPGE/UFSC

Na dissertação de mestrado *A literatura afro-brasileira para a infância: de mulheres para meninas*, de Fernanda Costa e Souza (2022), defendida junto ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação da professora Eliane Debus, foi realizado um mapeamento para proceder a escolha do objeto de pesquisa, a saber: livros para infância publicados por mulheres negras que trouxessem como protagonistas personagens femininas negras. Esse levantamento nos levou à escolha de títulos das escritoras Sonia Rosa, Cidinha da Silva e Patrícia da Silva para análise, mas isso é outra história. Por conta da brevidade do espaço de publicação, trazemos para conhecimento o levantamento que realizamos, embora saibamos que se possa correr o risco de não ser fidedigna ao número total de publicações, pois muitos títulos são publicados independentemente, e se busca chegar ao mais próximo da realidade.

Para dar visibilidade à produção, apresentamos um quadro com os 78 livros de 38 escritoras negras que têm a representação de meninas e mulheres negras protagonistas.

QUADRO 1 - Livros de escritoras negras com representação de meninas e mulheres negras protagonistas.

Escritoras	Títulos	Ilustrador(a)s	Editoras
Ana Fatima	<i>Makemba vai à escola</i>	Quesia Silveira	Cogito
Aparecida de Jesus Ferreira	<i>As bonecas negras de Lara</i>	Élio Chaves	AEC Projetos culturais
Cássia Vale e Luciana Palmeira	<i>Calu: uma menina cheia de histórias</i>	Maria Chantal	Malê Mirim
Cidinha da Silva	<i>Os nove pentes da África</i>	Iléa Ferraz	Mazza
	<i>Kuami</i>	Josias Marinho	Nandyala
Cinthy Rachel	<i>A garota que queria mudar o mundo</i>	Adriano Vidal	Uiraouru
Dayse Cabral de Moura	<i>A rainha Dandara e a beleza dos cabelos crespos</i>	Rosa Tenório	UFPE

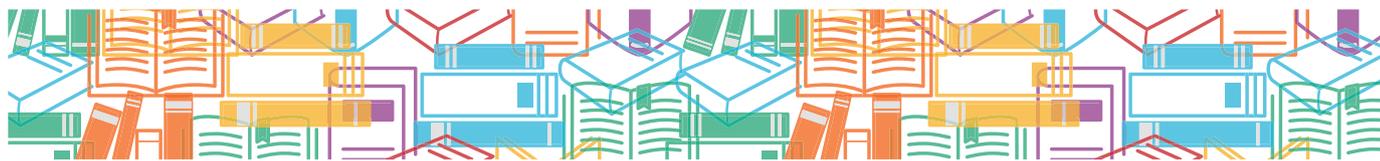
Eliana Marcelina	<i>As coisas simples da vida</i>	Gleiciane Dias	Nandyala
	<i>A primeira boneca de Marcelina</i>	Gleiciane Dias	Nandyala
	<i>A primeira trança de Marcelina</i>	Gleiciane Dias	Nandyala
	<i>Beata a menina das águas</i>	Annie Ganzala	Malê
	<i>O primeiro livro de Marcelina</i>	Gleiciane Dias	Nandyala
Eliane Alves Cruz	<i>A copa frondosa da árvore</i>	Bruno Cantu	Nandyala
Eliane Debus	<i>Antonieta</i>	Annie Ganzala	Copiar
Evelyn Sacramento	<i>Menina Nicinha</i>	Barbara Quintino	Lendo Mulheres Negras
Gercilga de Almeida	<i>Bruna e a galinha de Angola</i>	Valeria Saraiva	Pallas
Gisele Gama Andrade	<i>A caixa de bombons de Sara</i>	Ronaldo Santana	Abaquar
	<i>A cilada</i>	Ronaldo Santana	Abaquar
	<i>A doença de Sara</i>	Ronaldo Santana	Abaquar
	<i>A família de Sara</i>	Ronaldo Santana	Abaquar
	<i>A Grande Confusão</i>	Ronaldo Santana	Abaquar
	<i>A menina que gostava de saber</i>	Ronaldo Santana	Abaquar
	<i>A mesada de Sara</i>	Ronaldo Santana	Abaquar
	<i>A nova escola de Sara</i>	Ronaldo Santana	Abaquar
	<i>Os cabelos de Sara</i>	Ronaldo Santana	Abaquar
	<i>O gatinho de Sara</i>	Ronaldo Santana	Abaquar
	<i>Os Nerds</i>	Ronaldo Santana	Abaquar
	<i>O quarto de Sara</i>	Ronaldo Santana	Abaquar
	<i>Sara vai ao Japão</i>	Ronaldo Santana	Abaquar
	<i>Sara vai à praia</i>	Ronaldo Santana	Abaquar
	<i>Vovó Zoe</i>	Ronaldo Santana	Abaquar
Gisele Marques	<i>O mundo de Oyá</i>	Iris Palo	Edição da autora
Ione Duarte	<i>A boniteza de ser criança</i>	Gió	Nsoroma
Iris Amâncio	<i>A ginga da Rainha</i>	Sem indicação de ilustração	Mazza
Jaciana Melquíades e Leandro Melquíades	<i>Mariana</i>	Leandro Melquíades	Era uma Vez o Mundo
Kaliana Oliveira da Hora	<i>O céu de Carol</i>	Stela Maria	Conta, Preta! Conta
Kalypsa Brito	<i>A Fada Dia e o Duende Mante</i>	Verônica Silva de Souza Saad	Scortecci Editora
	<i>Princesa de Ebano</i>	Sem indicação de ilustração	Simplissimo
Kiusam de Oliveira	<i>Com qual penteado eu vou?</i>	Rodrigo de Andrade	Melhoramentos
	<i>O mar que banha a ilha de Goré</i>	Taisa Borges	Peirópolis
	<i>Omo-Oba: histórias de princesas</i>	Josias Marinho	Mazza
	<i>O mundo no blackpower de Tayó</i>	Taisa Borges	Peirópolis
Lucimar Rosa Dias	<i>Cada um com seu jeito, cada jeito é de cada um!</i>	Sandra Beatris Lavandeira	Alvorada
Madu Costa	<i>A caixa de surpresa</i>	Sem indicação de ilustração	Nandyala

	<i>Cadarços Desamarrados</i>	Rubem Filho	Mazza
	<i>Embolando as Palavras</i>	Rubens Filho	Penninha Edições
	<i>Meninas Negras</i>	Ruben Filho	Mazza
	<i>Outra Vez Mariana</i>	Artur Viana	Crivinho
Maira Brochado Ranzeiro	<i>Maira a Alegre Campeã</i>	J. Rafael	Maira Brochado Ranzeiro
Maria Gal	<i>A bailarina e a bolha de sabão</i>	Adriano Vidal	Uirapuru
Martha Rodrigues	<i>A Princesa e o Vento</i>	Rosalino	Mazza
	<i>Gabriela a Princesa do Daomé</i>	David Smyth	Mazza
	<i>Que cor é a minha cor?</i>	Rubem Filho	Mazza
Nena de Castro	<i>Mariana Catibiribana</i>	Siderlino Santiago	Aldrava Letras e Artes
Neusa Baptista Pinto	<i>Cabelo Ruim? A história de três meninas aprendendo a se aceitar</i>	Nara Silver	Tanta Tinta
Nilma Lino Gomes	<i>Betina</i>	Denise Nascimento	Mazza
Noélia Miranda	<i>Zacimba Gaba: a princesa guerreira</i>	Gió	Nsoromma
Patricia Matos	<i>NãAgotimé: uma rainha africana no Brasil</i>	Marcia Sampaio	Nandyala
Patrícia Santana	<i>Cheirinho de neném</i>	Thiago Amorindo	Mazza
	<i>Entremeio sem babado</i>	Marcial Avila	Mazza
Simone Botelho	<i>Aqui no morro tem princesa sim!</i>	Sem indicação de ilustração	Albatroz
Solange Adão	<i>A casa do meu avô</i>	Bruno Barbi	Cruz e Souza
Sonia Rosa	<i>Alice Vê</i>	Luna	DCL
	<i>Dona Brigida</i>	Walter Lara	Mazza
	<i>Cadê Clarisse?</i>	Luna	DCL
	<i>Feijoada</i>	Rosinha Campos	Pallas
	<i>Lindara</i>	MarcialÁvilla	Nandyala
	<i>Lindara a menina que transbordava palavras</i>	Bruno Cantú	Nandyala
	<i>O Casaco</i>	Anielizabeth	Rovelle
	<i>Os Tesouros de Monifa</i>	Rosinha	Brinque-Book
	<i>O tabuleiro da baiana</i>	Rosinha Campos	Pallas
	<i>Palmas e Vais</i>	Salmo Dansa	Pallas
	<i>Quando a escrava Esperança Garcia escreveu uma carta</i>	Luciana Justinisni Hees	Pallas
	<i>Três histórias de encanto</i>	Rubem Filho	Editora do Brasil
	<i>Vovó Benuta</i>	Marilia Bruno-	Galera Record
Tamires Ferreira	<i>Ayo e as formiguinhas</i>	Oberas	Sem indicação de editora
Verônica Bonfim	<i>A menina Akili e seu tambor falante</i>	Luciano Lima	Nandyala
Veralindá Menezes	<i>Princesa Violeta</i>	Rogério M. Cardoso	Príncipes Negros

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Os 78 títulos contemplam 38 escritoras, 45 ilustradoras/es (23 mulheres e 22 homens), onde três não há indicação de ilustração. São 35 as editoras e um livro sem indicação que abarcam a temática, sendo as que se destacam *Abaquar*, com 15 edições, *Mazza*, 12 edições, e *Nandyala*, com 11 edições. Cabe ressaltar, que muitos títulos são publicados de forma independente.

A presença da escrita feminina negra e a representação feminina negra na ficção para infância tem se anunciado como possibilidade de redesenhar imagens que foram construídas carregadas de estereótipos, seja na linguagem verbal ou na visual. Aos poucos conseguimos enxergar a escrita feminina com mais “facilidade”, que ela existe, persiste e resiste junto à engrenagem do mercado.



A LITERATURA DE TEMÁTICA DAS CULTURAS AFRICANAS E AFRO-BRASILEIRA NOS ACERVOS DO PROGRAMA NACIONAL BIBLIOTECA DA ESCOLA (PNBE) PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

Tatiana Valentin Mina Bernardes

Doutoranda PPGE/UFSC

Eliane Debus

Tutora PET Pedagogia/UFSC

Entre os anos de 2016 e 2018 desenvolvemos uma pesquisa a nível de mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), intitulada *A Literatura de Temática das Culturas Africanas e Afro- Brasileira nos acervos do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) para a Educação Infantil*, que teve como objeto os livros do acervo do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) para Educação Infantil, nas suas quatro edições (2008, 2010, 2012 e 2014) (BERNARDES, 2018). O objetivo foi mapear e analisar os livros de Literatura Infantil que focalizam as culturas africanas e afro-brasileira, seja pelo conteúdo, temática das culturas africanas e afro-brasileira ou pela representação, texto e ilustração.

O desenvolvimento do estudo ancorou-se nas políticas públicas de leitura para a literatura, em particular: o PNBE; a Lei nº 10.639/2003 (BRASIL, 2003) e suas Diretrizes; a Educação das Relações Étnico-Raciais na Educação Infantil; a Literatura Infantil e a Literatura de Temática das Culturas Africanas e Afro-brasileira. Como aporte teórico, a respeito

das políticas públicas de leitura, apoiamo-nos em Araújo (2010, 2015), Oliveira (2008), Fernandes (2004, 2007, 2017), Fernandes e Cordeiro (2012); em relação à Educação Infantil, Abramovicz e Oliveira (2010, 2012), Bento (2012), Cavaleiro (2007), Cerisara (1999), Dias (2010, 2012), Kuhlmann Júnior (1999, 2012), Rosemberg (1985, 2007), Trinidad (2012); na Literatura e Literatura de Temática da Cultura Africana e Afro-brasileira, a Candido (1995), Debus (2007, 2009, 2012), Gouvêa (2000), Lajolo (2003), Lajolo e Zilberman (1987), Oliveira (2003), Souza (2001, 2003), Zilberman (2003); sobre a Educação das Relações Étnico-Raciais, em Abramovicz e Oliveira (2010, 2012), Abramovicz (2012), Araújo (2015), Dias (2005), Gomes (2012), Passos (2012), Oliveira (2004), Bento e Pereira (2012). Para o desenvolvimento das reflexões e construção dos procedimentos de pesquisa, realizou-se uma análise qualitativa, de cunho bibliográfico e documental.

A problemática que motivou a pesquisa foi: o PNBE, sendo um programa de política pública de leitura com abrangência nacional, com os acervos destinados à Educação Infantil, nas edições de 2008, 2010, 2012 e 2014, traz os livros de Literatura de Temática das Culturas Africanas e Afro-brasileira?

O estudo dividiu-se em três etapas: 1) seleção e análise das listas dos livros enviados pelo PNBE à Educação Infantil; 2) seleção dos

títulos de Literatura das Culturas Africanas e Afro-brasileira; 3) leitura e análise dos 61 títulos sobre a temática. Para o desenvolvimento das reflexões e construção dos procedimentos de pesquisa, realizamos uma análise qualitativa, de cunho bibliográfico e documental. Para ter acesso aos livros, buscamos os acervos do PNBE das Unidades de Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (SC).

Na busca pelos livros nas Unidades Educativas reunimos os 360 títulos que integraram o Programa nas quatro edições destinadas à Educação Infantil, nos anos de 2008, 2010, 2012 e 2014. Desses, analisamos 61 livros, que apresentavam como foco a Temática das Culturas Africanas e Afro-brasileiras, no que consiste ao conteúdo (Temáticas das Culturas Africanas e Afro-brasileira) ou na representação (texto e ilustração).

A categorização dos títulos foi dividida em: livros com a Temática das Culturas Africanas e Afro-brasileira na linguagem visual (ilustração) e aqueles com a Temática das Culturas Africanas e Afro-brasileira na linguagem verbal (palavra). Na categorização dos livros quanto à Temática das Culturas Africanas e Afro-brasileira, apoiamos-nos nos estudos de Debus (2017). Desse modo, organizamos os livros em tabelas por ano de edição, destacando o título, autor, ilustrador, editora, classificação (gêneros literários) e linguagem (visual e verbal).

Para as referências dos livros quanto à linguagem visual (ilustração) ou linguagem verbal (palavra), nos ancoramos em Ramos e Panozzo (2011). Seguindo essa perspectiva, criamos duas categorias, a saber: linguagem verbal e linguagem visual. Para analisar os livros com a linguagem verbal, consideramos, na escrita dos textos (palavras), a existência de conteúdos que abordem a Temática das Culturas Africanas e Afro-brasileira; para os identificados com a linguagem visual, analisamos se trazem nas ilustrações a representatividade de personagens negras.

Nas nossas análises, partimos do pressuposto de que os livros com a Temática das Culturas Africanas e Afro-brasileira na linguagem verbal trazem no texto escrito aspectos e elementos que contenham a história e culturas das populações africanas e afro-brasileira como foco principal da narrativa, já os livros com a Temática na

linguagem visual apresentam nas ilustrações personagens negras, sejam elas, protagonistas, coadjuvantes ou figurantes.

Nesse sentido, entendemos que a temática se configura como o tema principal da narrativa, sendo o principal questionamento que os(as) escritores(as) se propõem a fazer para desenvolver a história, as informações e os acontecimentos que norteiam as ações das personagens, as quais dão contorno às narrativas, seja com envolvimento ativo ou passivo.

A partir das análises, encontramos cinco livros com a Temática das Culturas Africanas e Afro-brasileira na linguagem verbal e 56 livros com a Temática da Cultura Africana e Afro-brasileira na linguagem visual. Diante disso, para a análise dos cinco livros que contemplam a Temática na linguagem verbal, dividimos em duas subcategorias:

1- Livros com a Temática das Culturas Africanas na linguagem verbal, narrativas que trazem no texto escrito (palavra) elementos e aspectos da história e cultura africanas.

2- Livros com a Temática da Cultura Afro-brasileira na linguagem verbal, narrativas que trazem no texto escrito (palavra) elementos e aspectos da história e cultura afro-brasileiras.

Já para a análise dos 56 livros que contemplam a linguagem visual, repartimos em três subcategorias:

1- Livros com personagens negras como protagonistas na linguagem visual, personagem principal do enredo, e a narrativa se desenvolve a partir da sua história.

2- Livros com personagens negras como coadjuvantes na linguagem visual, personagens que estão na narrativa como sujeitos que ajudam no desenvolvimento do enredo, mas não participam ativamente.

3- Livros com personagens negras como figurantes na linguagem visual, personagens que não exercem papel ativo, são sujeitos sem ação, aparecem no enredo de forma rápida.

Nas análises, concluímos que, dos 360 livros contemplados nas quatro edições dos acervos do PNBE distribuídos para Educação Infantil, somente 61 completavam a Temática das Culturas Africanas e Afro-brasileira ou trazem personagens negras nas ilustrações.

Desses, analisamos positivamente apenas 12, desses, nove com personagens negras na linguagem visual e três com a temática na linguagem verbal. Essas obras representam positivamente as personagens negras, seja em relação ao fenótipo, características e traços faciais (características físicas, cabelo, cor da pele, entre outras), como na representação do contexto do enredo (papéis sociais e participação na narrativa), por meio da apresentação de laços de união, envolvimento afetivo, cotidiano familiar, inserção de aspectos e elementos das culturas africanas e afro-brasileira. No entanto, evidenciam uma lacuna no que se refere à inserção de títulos sobre a temática, falta que não se justifica, uma vez que há uma variedade de livros publicados pelo mercado editorial.

Assim, observamos que: a maioria dos livros contemplados nos acervos do PNBE para a Educação Infantil, o branco predomina como uma referência de normalidade, promovendo uma visão hegemônica; o fortalecimento da ideia de que o negro é um sujeito inferior, com sub-representações e descrições negativas das características e traços das personagens negras, representações que favorecem cada vez mais a perpetuação do racismo e a naturalização da branquitude; grande parte das ilustrações não apresentam as características físicas do povo negro; as personagens negras são pintadas com a cor marrom; há uma tentativa de compor tipos de cabelos crespos, mas que diferem das características reais do cabelo negro. Ainda, percebemos que alguns livros apresentam as personagens negras com características caricaturizadas: com traços extremamente exagerados, formato das bocas e narizes desproporcionais e enormes, bocas extremamente vermelhas, expressões faciais disformes, tons de pele matizados, cabelos descomunais, elementos carregados de estereótipos racistas. Tais representações foram recorrentes.

Desse modo, ficam alguns questionamentos: por que o PNBE, sendo um programa de política pública de leitura que teve como objetivo possibilitar a professores e alunos o acesso aos bens culturais, por meio da distribuição gratuita de livros de literatura, do incentivo à leitura e da expansão de bibliotecas escolares, sabendo da existência da publicação de textos literários que tematizam as Culturas Africanas e Afro-brasileira de maneira positiva,

não os contemplou nos acervos do Programa? Além disso, se a escolha e a seleção dos livros eram realizadas a princípio por um conjunto de profissionais (mestres, doutores e profissionais da Educação) e, a partir de 2006, ficou a cargo do Grupo de Estudos para Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE), com apoio de profissionais de 16 estados do Brasil, vinculados a instituições públicas de Ensino Superior e a Escolas Básicas, sendo um grupo de profissionais especializados e estudiosos da literatura, porque, então, não priorizaram um número maior de títulos com a Temática das Culturas Africanas e Afro-brasileira? Por fim, por que não foram mais criteriosos nas análises para vetar os livros com características estereotipadas e elementos pejorativos, preconceituosos e racistas?

Portanto, concluímos que o racismo não está na pauta de discussões e acaba sendo reforçado. Indicamos a necessidade de mais atenção nas escolhas e seleções dos livros para inclusão das questões raciais e também pensar propostas no que se refere ao uso desses títulos nas instituições beneficiadas. Diante disso, destacamos a relevância da implementação de políticas públicas de leitura, como o PNBE, que esteve em vigor por 17 anos, de 1997 a 2014, extinto em 2016.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana. Infância, raça e paparicação. **Educação em Revista**, São Paulo, v.26, n.2, p. 209-222, 2010.

ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana. As relações étnico-raciais e a sociologia da infância no Brasil: alguns aportes. In BENTO, Maria Aparecida Silva (org.). **Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais**. São Paulo: CEERT, 2012.

ARAÚJO, Débora Cristina de. **Relações raciais, discurso e literatura infanto-juvenil**. 2011. 192f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, 2010.

ARAÚJO, Débora Cristina de. **Literatura infanto-juvenil e política educacional: estratégias de racialização do Programa Nacional de Biblioteca da Escola (PNBE)**. 2015. 335f. (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, 2015.

BENTO, Maria Aparecida da Silva (org.).

Educação Infantil, Igualdade Racial e Diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais. São Paulo: CEERT, 2012.

BERNARDES, Tatiana Valentin Mina. **A literatura de temática da cultura Africana e Afro-brasileira nos acervos do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) para Educação Infantil.** 2018. 213p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2018.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

CANDIDO, Antônio. **O direito à literatura.** 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CAVALEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar.** São Paulo: Contexto, 2007.

CERISARA, Ana Beatriz. A produção acadêmica na área da Educação Infantil a partir da análise de pareceres sobre o Referencial Nacional da Educação Infantil: primeiras aproximações. In FARIA, Lúcia Goulart de; PALHARES, Marina Silveira (org.). **Educação infantil pós-LDB: rumos e desafios.** Campinas, SP: Autores Associados, 1999.

DEBUS, Eliane Santana Dias. **A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens:** lendo Joel Rufino dos Santos, Rogério de Andrade Barbosa, Júlio Emílio Brás, Georgina Martins. São Paulo: Cortez, 2017.

DIAS, Lucimar Rosa. Quantos passos já foram dados? A questão de raça nas leis educacionais: da LDB de 1961 à Lei nº 10.639 de 2003. In ROMÃO, Jeruse (org.). **História da Educação do Negro e outras histórias.** Brasília, DF: MEC/SECAD, 2005.

FERNANDES, Célia Regina Delácio. **Práticas de leitura escolar no Brasil:** representações da escola, de professores e do ensino na literatura infanto-juvenil a partir dos anos 80. 2004. 311f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2004.

FERNANDES, Célia Regina Delácio. **Leitura, literatura infanto-juvenil e educação.** Londrina, PR: EDUEL, 2007.

FERNANDES, Célia Regina Delácio. A seleção de

obras literárias para o Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE 2006-201. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, Brasília, DF, n. 51, p. 221-244, maio/ago. 2017.

FERNANDES, Célia Regina Delácio; CORDEIRO, Maísa Barbosa da Silva. Os critérios de avaliação e seleção do PNBE: um estudo diacrônico. **Educação**, Porto Alegre, p. 81-88, 2012.

GOMES, Nilma Lino. Relações Étnico-Raciais, Educação e Descolonização dos Currículos. **Currículo Sem Fronteiras**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 98-109, abr. 2012.

KUHLMANN JÚNIOR, Moyses. Educação infantil e currículo. In FARIA, Lúcia Goulart de; PALHARES, Marina Silveira (org.). **Educação infantil pós-LDB: rumos e desafios.** Campinas, SP: Autores Associados, 1999.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: histórias & Histórias.** São Paulo: Ática, 1987.

OLIVEIRA, Lívio Lima de Oliveira. **Indústria editorial e governo federal:** o caso do programa nacional biblioteca da escola (PNBE) e suas seis primeiras edições. 2008. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, 2008.

PASSOS, Joana Célia dos. A educação para as relações étnico-raciais como política pública na Educação Infantil. In VAZ, Alexandre F.; MOMM, Caroline M. (org.). **Educação Infantil e Sociedade: questões contemporâneas.** Nova Petrópolis: Nova Harmonia, 2012.

RAMOS, Flávia Brocchetto; PANOZZO, Neiva Senaide Petry. **Interação e mediação de leitura para a infância.** São Paulo: Global, 2011.

ROSEMBERG, Fúlvia. **Literatura infantil e ideologia.** São Paulo: Global, 1985.

ROSEMBERG, Fúlvia. **Infância e ideologia; infância e relações raciais:** discutindo uma agenda de pesquisa. Minicurso de encerramento do Seminário Especial Infância, relações raciais e aprendizagem escolar. Curitiba: Programa de Pós-Graduação em Educação, 4 de dezembro de 2007.

TRINIDAD, Cristina Teodoro. Diversidade étnico-racial: por uma prática pedagógica na educação infantil. In BENTO, Maria Aparecida da Silva (org.). **Educação Infantil, Igualdade Racial e Diversidade:** aspectos políticos, jurídicos, conceituais. São Paulo: CEERT, 2012.

ENTREVISTA – DÉBORA ARAÚJO

Rafael da Silva

Bolsista PET Pedagogia/UFSC

Eliane Debus

Tutora PET Pedagogia/UFSC



ABIODUM: Professora, poderias nos contar como a temática da Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) perpassa a sua trajetória de vida e formação como professora? De onde surgiu o seu interesse pela Literatura para infância?

DÉBORA ARAÚJO: A minha atuação profissional é, hoje, direto reflexo da minha relação com a ERER. Por ser professora da disciplina Educação das Relações Étnico-Raciais, obrigatória para os cursos de licenciatura do Campus de Goiabeiras, da Universidade Federal do Espírito Santo, estou diretamente atravessada pelos princípios da Lei nº 10.639/2003 e das “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana” (BRASIL, 2003, 2004), pois são minhas principais “ferramentas de trabalho”. Mas essa relação

vem desde 2003, quando atuava como secretária de uma escola municipal no noroeste do Paraná e a Lei nº 10.639/2003 chegou via Secretaria de Educação para ser divulgada para o corpo docente da escola. A diretora, à época, era professora de História e lembro de suas palavras como se fosse hoje: “Essa lei vai fazer uma transformação na educação do Brasil”. Ainda que num primeiro momento essa afirmação tenha sido otimista demais (devido às resistências, comumente ainda nos dias de hoje, quase 20 anos depois), concordo com ela que a Lei vem produzindo grandes transformações, a começar por mim mesma que, no ano de 2006 – agora respondendo mais diretamente a pergunta –, escrevi um Trabalho de Conclusão de um curso de especialização em Língua Portuguesa e Literaturas. O título foi: *O negro na literatura infanto-juvenil: novas perspectivas a partir da Lei nº 10.639/2003*. Tinha sido diretamente impactada pelas aulas com a Prof.^a Dr.^a Gizêlda Melo do Nascimento (a primeira mulher negra que vi atuando na docência no ensino superior e pós-graduação), tratando sobre a mulher negra na literatura. E como a minha orientadora pesquisava literatura infantil e atuava como professora de educação infantil, encontrei nessa produção artística o meu tema de interesse por dois fatores: relacionava-se à ausência, na minha própria infância, de representatividade negra; e, na condição de docente atuando com crianças entre 4 e 5 anos, não tinha formação adequada para abordar o tema do racismo e da presença (estereotipada) de personagens negras nos livros da minha escola. Naquela pequena escola de educação infantil e de ensino fundamental, o escasso acervo da biblioteca não tinha nenhum livro com valorização da identidade negra. Então, foi ali que tudo começou.

Posteriormente, ao me mudar para Curitiba, tive a oportunidade de, via App Sindicato (Sindicato dos/as

trabalhadores/as em educação pública do Paraná), palestrar em eventos apresentando os resultados da minha pesquisa de TCC e chegar até o mestrado no PPGE da UFPR. Lá, segui pesquisando a diversidade étnico-racial na literatura infantil, dessa vez sendo lida e interpretada por crianças e professoras. No doutorado, o alvo foi uma das mais importantes políticas educacionais de difusão do livro literário no Brasil: o hoje extinto Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). Pude analisar os “bastidores” dessa política, especialmente, o racismo nos discursos e ações dos/as seus/suas agentes.

Ao ingressar como professora da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), em 2017, criei (juntamente com estudantes de graduação à época) o “LitERÊtura – Grupo de estudos e pesquisas em diversidade étnico-racial, literatura infantil e demais produtos culturais para as infâncias”. Seu nome foi inspirado na junção entre a literatura infantil e a/o “erê” que, em matrizes culturais africanas, é a representação da alegria, que habita cada criança. Uma autora que fundamenta muito as pesquisas e ações do grupo LitERÊtura é Eliane Debus, especialmente, por ter cunhado uma expressão que, para nós, melhor definiu a literatura que trabalhamos: “literatura com temática da cultura africana e afro-brasileira”. Considero um conceito importante, pois, diferentemente da literatura endereçada ao público adulto e que conseguimos, de modo mais fácil, identificar qualidade literária associada à identidade negra dos autores e autoras (e aí podemos denominá-la como “literatura negro-brasileira”, como fez Cuti, por exemplo) na produção literária infantil nem sempre o pertencimento racial é fator determinante para a qualidade da obra. Assim, ao propor que o foco não seja quem escreve (a autoria), mas sim o que a obra tematiza, esse conceito nos ajuda a compreender as transformações pelas quais a literatura infantil vem passando nas últimas décadas e analisarmos em que medida estamos avançando ou não em relação à valorização da identidade negra.

ABIODUM: Professora, em sua opinião, qual a importância da Lei nº 10.639, para a promoção da História Afro-brasileira e como mercado editorial, a partir da Lei nº 10.639?

DÉBORA ARAÚJO: Para responder a essa pergunta, primeiro retomo uma discussão feita por Eliane Debus e Ângela Balça (2008), que analisam como, ainda que Lei nº 10.639/2003 tenha produzido impactos no mercado editorial, isso não pode ser interpretado como uma “vitória” do capital, que supostamente teria descoberto mais um “nicho” de mercado. Concordando com as autoras, entendo que, embora um grande mobilizador tenha sido as mudanças na legislação, esse não é o único fator, pois as transformações sociais ocorridas nas últimas décadas e que envolvem maior ocupação de espaços sociais e culturais por pessoas negras, a luta pela (nem sempre positiva) questão de representatividade e a propagação de publicações fora do circuito das grandes editoras (normalmente, concentradas no eixo Sudeste-Sul) têm também contribuído para o aumento e difusão dessa literatura. Mas digo isso com duas ressalvas: a primeira, é de que, ao mesmo tempo em que quem pesquisa essa literatura consegue reconhecer que houve um aumento, ao nos dirigirmos às “livrarias de shopping”, por exemplo, pouco dessa produção encontramos lá. Ou seja, ainda estamos circulando entre nós e para nós, devido ao racismo literário que nos impede de furar a “bolha” mercadológica. Além disso, nos últimos anos, com os desmontes das políticas públicas de difusão da arte, em especial da literatura, a escola pública – espaço educacional que mais agrega a diversidade étnico-racial brasileira – também é enfraquecida dessa literatura de valorização da identidade negra. Por isso, a nossa luta envolve também o futuro político do país. A segunda ressalva é o fato de que a representatividade sem qualidade pouco contribui para furarmos essa bolha. Ao dizer isso, estou concordando com Maria Anória de Jesus Oliveira (2008), quando ressalva

que não basta o aumento de produções com protagonistas negras se, porventura, as obras não forem elaboradas com a devida qualidade estética e temática. Nessa qualidade estética destaque, especialmente, a relação entre texto verbal e imagético: muitas vezes, nos deparamos com livros produzidos nas duas últimas décadas (ou seja, no período pós Lei nº 10.639/2003) com ilustrações belíssimas do ponto de vista da representatividade negra, mas que o conteúdo verbal é repleto de clichês ou com pouco trabalho estético com a palavra (literalidade). E, então, torna-se uma narrativa chata, óbvia e que no seu principal público leitor (que é a criança) não desperta interesse.

Por isso, a nossa luta é para que a relação *aumento X qualidade* seja uma constante na produção literária com temática da cultura africana e afro-brasileira, pois todas as pessoas ganham nessa relação. Quando digo isso, penso muito nos princípios das Diretrizes de EREER quando propõem que o acesso à cultura afro-brasileira e africana se fortalece entre as pessoas negras e desperta nas brancas a consciência negra. Sonho com o dia em que as crianças leitoras – sejam elas de quais pertencimentos étnico-raciais forem – se inspirem nas sapequices de Jamela, personagem de vários de livros de Niki Daly (2005); que aprendam o quanto os cabelos *blackpower* são “focos, lindos e cheirosos”, como ensinou Tayó, no livro *O mundo no blackpower de Tayó*, de Kiusam de Oliveira (2013); que mães das crianças se emocionem com a história de Alice em *A mãe que voava*, de Caroline Carvalho (2018). A via sempre foi de mão única, ou seja, as pessoas negras tiveram como referência literária apenas personagens brancas. O

sonho é que essa via seja de mão dupla.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

BRASIL, Resolução CNE/CP nº 1º, de 17 de junho de 2004. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 22 jun. de 2004, Seção 1, p. 11. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>. Acesso em:

CARVALHO, Caroline. **A mãe que voava**. Ilustrações de Inês da Fonseca. Belo Horizonte: Aletria, 2018.

CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010. (Coleção Consciência em Debate).

DALY, Niki. **O que tem na panela, Jamela?** São Paulo: SM Edições, 2005.

DEBUS, Eliane; BALÇA, Ângela. Literatura infantil portuguesa e brasileira: contributos para um diálogo multicultural. **Via Atlântica**, São Paulo, n. 14, p. 63-74, dez. 2008.

OLIVEIRA, Kiusam de. **O mundo no blackpower de Tayó**. São Paulo: Peirópolis, 2013.

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. Literatura afro-brasileira infanto-juvenil: enredando inovação em face à tessitura dos personagens negros. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 11., 2008. São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2008.



XIGUTSA XA VUTOMI – “CABAÇA DA VIDA”

Responsáveis

Eliane Debus

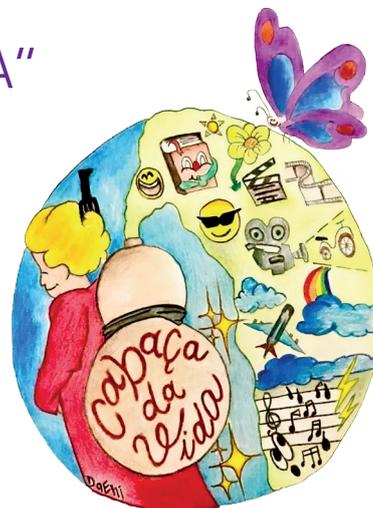
Tutora PET Pedagogia/UFSC

Ariel de Souza

Bolsista PET Pedagogia/UFSC

FIGURA1: *Cabaça da Vida*,
por Lucas DaEni.

Fonte: Arquivo PET Pedagogia.



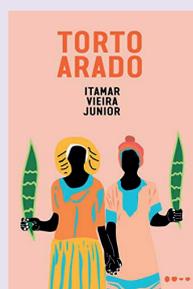
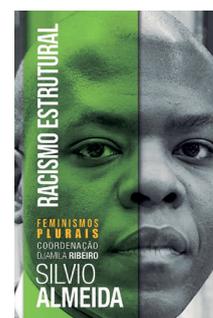
Nesta Cabaça intitulada “Xigutsaxavutomi”, que em língua Xangana que significa Cabaça da vida, colocaremos dicas de filmes, documentários, livros literários e teóricos sobre a temática da ERER. Vamos conferir?!

LIVROS



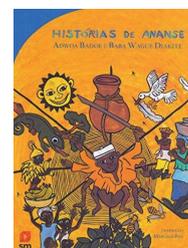
A publicação e circulação do livro para infância *A menina das estrelas*, escrito por Tulipa Ruiz e ilustrado por Laurent Cardon, é fruto da iniciativa privada do banco Itaú que reúne diversos títulos infantis para que se crie a cultura de ler para uma criança. O livro conta a história de uma garota sonhadora, tal qual a qualquer criança contemporânea. Vanessa, a protagonista dessa narrativa, é uma menina negra de cabelos crespos, de mente criativa e inteligente. As características da personagem, por certo, colaboram para que outras crianças negras se identifiquem, reconheçam-se. (Darlene Carvalho da Rosa – Bolsista PET Pedagogia/UFSC).

O livro *Racismo Estrutural*, de Silvio Almeida (2018), faz parte da Coleção Feminismos Plurais, coordenado por Djamilia Ribeiro, lançado em 2018. Escrito por meio de uma linguagem acessível e didática, acaba trazendo ao público em geral explicações sobre a construção das noções de raça e racismo. O livro é importante referência para a educação antirracista, calcada nos valores da igualdade, da liberdade e do direito à vida. (Ariel Souza - Bolsista PET Pedagogia/UFSC).



Torto Arado, escrito pelo autor baiano Itamar Vieira Junior (2019), publicado pelas editoras Leya (Portugal) e Todavia (Brasil), foi vencedor dos prêmios Jabuti 2020 e Oceanos 2020. O romance tem como cenário uma fazenda na Chapada Diamantina (nordeste brasileiro) e conta a história de Bibiana e Belonísia, duas irmãs que sofrem um acidente na infância após terem encontrado uma faca guardada em uma mala misteriosa da avó, donªAna, que as une e marca suas vidas para sempre. A narrativa retrata a realidade de famílias que vivem no sertão baiano em situação de trabalho análogo à escravidão, traz de forma vivida a luta e resistência de um povo que se descobre quilombola no decorrer da história. Além disso, toda a trama tem como pano de fundo o Jarê, uma religião de matriz africana existente apenas na região da Chapada Diamantina. (Aline Rosa de Abreu – Bolsista PET Pedagogia/UFSC).

Histórias de Ananse, de Adwoa Badoe e Baba Wagué Diakite, é um livro de pequenas histórias, contadas oralmente na região de Gana, na África Ocidental, desde os tempos antigos. Recheadas de humor e sabedoria cotidiana, retrata as peripécias de Ananse, uma aranha que se comporta como gente e, por ser pequenina, vive de sua astúcia. O melhor de tudo é que os finais são sempre imprevisíveis, já que Ananse, sendo também humano, nem sempre se dá bem. (Lucas Da Eni - Bolsista PET Pedagogia/UFSC).



O livro *La Noche*, da escritora afro-cubana Excilia Saldaña, foi publicado em 1989 pela editora Gente Nueva. Com um texto narrativo e poético, a autora apresenta um diálogo de uma menina com sua avó, que poeticamente responde aos questionamentos de sua neta. Diversos elementos da literatura africana e afro-latino-americana aparecem na obra, como a tradição oral, a ancestralidade e o papel dos mais velhos na formação da identidade cultural e preservação dos saberes populares. O debate relacionado ao feminismo negro também aparece e podemos citar o poema *Paisajeconmujer angolana*, que trata da temática ao apresentar o lugar da mulher na constituição da pátria cubana. (Pedro Salles – Egresso PET de Pedagogia/UFSC – Mestrando PPGET/UFSC).

FILMES/DOCUMENTÁRIOS



Manhãs de setembro é uma série televisiva– drama brasileiro –, que estreou no Prime Video em 25 de junho de 2021. Ela é dirigida por Luís Pinheiro e Dainara Toffoli, e conta a história de Cassandra (Liniker) uma mulher trans que trabalha como *motogirl* em São Paulo e tem na música sua maior força. Ela precisou abandonar sua cidade para realizar seu sonho de se tornar cover de Vanusa, cantora brasileira que fez sucesso na década de 1970. Após anos de muito sofrimento, a protagonista vive um momento de estabilidade: consegue alugar um apartamento só seu e descobre o amor na figura de Ivaldo (Thomas Aquino). Mas tudo se complica quando sua ex-namorada, Leide (Karine Teles), reaparece com um menino que diz ser seu filho. (Ariel Souza - Bolsista PET Pedagogia/UFSC).

Marangmotxíngmo Mirang: das crianças Ikpeng para o mundo é um filme dirigido por KumaréIkpeng, KaranéIkpeng e NatuyuYuwipoTxicão, lançado em 2001, produção e distribuição por vídeo nas Aldeias e tem como protagonista quatro crianças Ikpeng que mostram sua aldeia, suas famílias, brincadeiras, festas e seu modo de vida como resposta a vídeo-carta que receberam de crianças que residiam em Sierra Maestra. (Elizabeth de Souza Neckel - Bolsista PET Pedagogia/UFSC).



Dúdu e o Lápis de Cor de Pele é um curta-metragem brasileiro produzido e lançado em 2018, com direção de Miguel Rodrigues e roteiro de Cleber Marques. Conta a história de Dudu (Lucio Correia), uma criança negra cheia de questionamentos em relação a um lápis de cor de pele. A partir disso, ele sai em uma aventura atrás de explicações, enquanto sua mãe Marta (Naruna Costa) e sua professora Sônia (Claudiane Carvalho) estão a sua procura, tem suas curiosidades sanadas por Madalena (Nelly Trindade), uma antropóloga e curadora de arte, que mostra a ele o quanto a cultura negra é importante. (Elizabeth de Souza Neckel - Bolsista PET Pedagogia/UFSC)

MÚSICA

Pajubá é o álbum de estreia da cantora, compositora e atriz brasileira Linn da Quebrada. Foi lançado no dia 6 de outubro de 2017, de forma independente, contando com 14 faixas. O álbum foi produzido pela produtora e DJ BadSista. Perfeita combinação entre humor e crítica social, *Pajubá* é uma “língua de resistência, construída a partir da inserção de palavras e expressões de origem africanas ocidentais” e adotada pela comunidade LGBTQIA+. O álbum conta com participações de Jup do Bairro, Pepita, Liniker e Gloria Groove. (*Muito + Talento*, faixa de abertura do álbum, faz com que não percebamos o aspecto contestador que sutilmente invade essa e outras composições. Trata-se de uma obra de enfrentamento; um espaço onde bichas, travestis, negros, mulheres e outros grupos marginalizados ganham destaque a todo instante, crescendo em meio ao ambiente dominado pela forte erotização detalhada na poesia urbana da cantora. (Ariel Souza - Bolsista PET Pedagogia/UFSC).



Sobre Viver é mais uma produção carregada de poesia, ritmo e melodia guiada pela resistência produzida pelo rapper Crioulo e lançado em 21 de maio de 2022: “Esse álbum fala sobre fé, resiliência... fala mais uma vez sobre esse abismo social que a gente vive, e o que vem com isso”, diz o artista à revista Rolling Stones (Disponível em: <https://rollingstone.uol.com.br/musica/crioulo-se-reinventa-em-sobre-viver-canto-o-abismo-social-que-gente-vive/>). Versa sobre as dificuldades da periferia e o poder de transformação do RAP, sobre a intolerância religiosa e o racismo, além da violência sofrida na infância periférica e negra. Em “Moleques são meninos, crianças são também”, faz uma crítica à falha do Estado em fornecer lazer e educação para essas crianças. Com produção de músicas com Tropkillaz e participações de Milton Nascimento, MC Hariel, Liniker, entre outras, que colaboram para realizar uma homenagem à irmã de Crioulo, que faleceu ano passado vítima do Covid-19 aos 38 anos, na faixa “Pequenina”. (Laila Maheirie Barreto - Bolsista PET Pedagogia/UFSC).

O álbum *Sebastião Viana* é um instrumental de flauta que apresenta a verve de Patápio Silva, homem negro do início do século XX, considerado um prodígio na época, foi o primeiro músico a gravar um Instrumental em vinil no país. É perfeito para trilha sonora de contação de histórias infantis. (Lucas DaEni - Bolsista PET Pedagogia/UFSC).

